



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



45

Discurso na solenidade de abertura do primeiro encontro empresarial de investimento e comércio

FIESP, SÃO PAULO, SP, 27 DE MARÇO DE 1996

Excelentíssimo Senhor Presidente da República do Chile, estimado amigo Eduardo Frei; Senhor Governador do Estado de São Paulo, meu companheiro Mário Covas; Senhores Ministros e demais Integrantes da Delegação Chilena; Senhor Ministro de Estado do Planejamento e Orçamento, José Serra; Senhor Chanceler José Miguel Insulza Salinas, Chanceler do Chile; Senhor Ministro Álvaro Garcia, Ministro da Economia; Senhor Ministro da Defesa do Chile; Senhor Presidente do Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo, Desembargador Youssef Said Cahaly; Senhores Embaixadores, em especial o Embaixador do Chile aqui presente; Senhor Prefeito Municipal de São Paulo, Dr. Paulo Maluf; Senhor Presidente da Fiesp, Carlos Eduardo Moreira Ferreira; Senhor Presidente da Sofofa, Pedro Lizana Greve; Senhores Integrantes da Delegação Empresarial; Senhores Empresários; Senhoras e Senhoras;

Queria começar esta manhã dizendo-lhes da minha satisfação de estar aqui, ao lado do Presidente Eduardo Frei, neste Seminário de Investimentos Brasil/Chile. Os brasileiros aqui presentes que ainda não tinham tido, até há pouco, o prazer de ouvir as palavras fortes,

determinadas de Eduardo Frei, perceberam agora por que o Chile hoje pode sentir orgulho de ter um presidente como Eduardo Frei – um homem determinado, franco, permanentemente comprometido com as mudanças do seu país e que nunca perdeu o sentido fundamental da vida política, que é não apenas induzir o desenvolvimento, acelerar o processo de transformação da economia e da sociedade, mas é, sobretudo, o de lutar por mais justiça social, por melhores condições de vida para o seu povo. Esse é o Eduardo Frei a quem eu posso chamar, como ele me chamou há pouco, com toda simplicidade e do fundo do coração, de meu amigo e de amigo do Brasil.

É realmente um gosto poder escutar o que escutamos nesta manhã, aqui, de maneira direta: o rumo que o Chile está tomando e a disposição, testemunhada pelo nosso Embaixador no Chile, Embaixador Veloso, de uma permanente relação de proximidade com o Brasil. E me alegra tanto mais porque volto a esta casa.

Ouvi com muita atenção as palavras do Dr. Carlos Eduardo, companheiro de longa data e que, sabedor, talvez melhor do que muitos, das dificuldades pelas quais o processo de ajustamento faz com que a indústria passe, reafirmou aqui a confiança nos rumos do Brasil. Isso alegra o Presidente da República, porque o Presidente sabe e reconhece as dificuldades, sabe e reconhece que não é fácil, como bem o disse também o Presidente do Chile, enfrentar os desafios de uma transformação que se faz imperativa, mas cujo horizonte, pelo menos no começo dos processos de transformação, ainda não delineia com clareza a bonança que há de vir.

Se não houver persistência, boa vontade, competência e cooperação, é difícil a arrancada. As palavras do Presidente da Fiesp mostram – e tenho certeza de que ele falou em nome não apenas da Fiesp, mas dos demais setores aqui representados da produção brasileira – que há compreensão e que há também, aqui no Brasil, aquilo que é essencial: a confiança.

Nós todos, hoje, reconhecemos no Chile um parceiro importante e necessário para o Brasil. Talvez os chilenos não saibam o quanto no Brasil se falou de “efeito Orloff”. Dizia-se que aqui aconteceria, com

algum atraso, o que primeiro ocorria na Argentina. Depois, foi a insistência no “efeito tequila”. Tanto a vodka quanto a tequila são apreciadas por muita gente, mas muitas vezes dão dor de cabeça. Pois eu sempre torci para que houvesse o “efeito pisco”, o pisco chileno, que tem um sabor especial.

Pelo conhecimento que tenho do Chile, pela gratidão que devo ao Chile, pela amizade que sinto pelo povo chileno – e não sou o único: aqui está o Ministro José Serra, que tem a mesma experiência que eu, ou mais do que eu, de viver longos anos no Chile –, por todas essas razões, não nos haveria de faltar a sensibilidade de perceber que história de sucesso era a história chilena. Sem desmerecer as outras histórias que também são de sucesso, aquela que nos entusiasma, aquela para a qual os nossos olhos se voltam com mais naturalidade é a experiência chilena. É realmente uma história de sucesso.

Devo aqui repetir o que disse há pouco em Brasília: quando eu era Ministro das Relações Exteriores, fui ao Chile para agradecer o muito que havia feito por nós, que havíamos sido exilados no Chile; fui ao Chile para reavivar as relações tradicionais de amizade entre o Brasil e o Chile; e fui ao Chile para anunciar que também no Brasil havia, no horizonte talvez ainda longínquo àquela altura, um sentimento de que as coisas poderiam acontecer de forma positiva. E tive uma reunião com empresários chilenos.

Nessa reunião – não sei nem precisar em que local; depois foi na Sofofa, que é o correspondente da Fiesp, mas antes tive essa reunião, quando era chanceler –, não muito grande, eu me esforçava por dizer que o Brasil era um país de oportunidade, que nós já estávamos crescendo (isso foi de 93 para 94), que haveria muito o que fazer em comum. E me encontrei com o Presidente Eduardo Frei, que então era candidato, e ouvi de Sua Excelência palavras iguais às que pronunciou, hoje, aqui: a decisão política de uma aproximação com o Brasil e com o Mercosul – um crédito de confiança.

Mas eu senti, me perdoem a franqueza, que, quando eu falava sobre o Brasil – e os senhores sabem que, no Brasil, nós sempre botamos muitos zeros depois dos algarismos, para o bem e para o mal, as

dívidas são enormes, mas, também, o produto é enorme, o crescimento pode ser grande; eu olhava e dizia: há possibilidades, vamos vencer a inflação –, eu falava de um país cuja inflação galopava, galopava a dois dígitos ao mês. E era natural que os empresários olhassem, enfim, com uma certa bonomia, quem sabe, com condescendência, aquele que vinha como porta-voz de um país grande, mas que, até então, não mostrara a disposição, a força, a energia para, efetivamente, dizer: “Temos rumo.”

Voltei ao Chile como Presidente da República. Fui recebido de uma maneira que eu jamais esquecerei, na minha vida, pelo Presidente Frei, pelos seus Ministros, pelos meus companheiros de universidade, pelo povo chileno. Voltei a estar com os empresários. Aí, ouvi do Dr. Pedro Lizana, que aqui está, uma promessa, hoje cumprida: “Irei ao Brasil com a maior delegação de empresários chilenos que jamais terá pisado no Brasil.”

Estão os senhores aqui. E estão aqui porque também acreditaram, como acreditou o Dr. Pedro Lizana, que, efetivamente, hoje, o Brasil pode ir ao Chile. Temos muito em comum e queremos estar mais juntos para o progresso dos dois países.

Não foi fácil chegar-se ao ponto a que chegamos, que é apenas um começo. Não foi fácil. Os brasileiros que aqui estão sabem que temos lutado. Lutado, e muito, às vezes sentindo falta de mais apoio, às vezes recebendo apoio, quem sabe, às vezes até tomando rumos que não os mais adequados – estejam certos de que, se isso ocorrer e quando isso ocorre é por inadvertência, e não por desejo. Lutamos. Estamos começando a desenhar uma situação mais favorável.

Ouvi, aqui – e é a expressão da verdade –, números do Chile que me emocionam. Não há que repeti-los, todos sabemos a inflação a quantas anda no Chile. Mais importante: a taxa de poupança e, tão importante quanto esta, a taxa de investimento são números de dar inveja, mas uma inveja positiva, de quem quer imitar porque acha que é bom o que o Chile está fazendo. E nós achamos que, hoje, o Chile, realmente, descobriu – e foi pioneiro – que não havia outro caminho senão o de defender os interesses nacionais, preparando-

se para uma integração dinâmica à nova divisão internacional do trabalho e ao fato de que houve uma globalização na economia.

Esse é o dado fundamental, mas dado que não nos leva a transformar o mercado internacional em ideologia, como disse muito bem o Presidente Frei, no Itamaraty. Não se pode transformar o mercado em ideologia. Mercado não é valor; mercado é instrumento. Valor é igualdade, valor é emprego para todos, valor é melhor salário, valor são melhores condições de vida, valor é capacidade de investir, valor é capacidade tecnológica do empresário, valor é a crença no País, valor é a crença na democracia.

Mas, se não se tomam em consideração as realidades do mercado – e aqueles que tentaram fazê-lo sabem disso –, o resultado é negativo. E tomar em consideração as realidades do mercado, hoje, significa preparar a nossa economia para aumentar a escala, mudar qualitativamente a sua base tecnológica, competir, não temer a competição; aumentar a produtividade e conseguir taxas de lucro que possam permitir um investimento crescente. Esse é o nosso desafio, é o desafio que o Chile entendeu.

Chile e Brasil têm, efetivamente, economias que podem se complementar, e hão de se complementar crescentemente. A integração ao Mercosul é uma integração vantajosa para todos. Se não fosse, não valeria a pena. Quando eu era Ministro das Relações Exteriores, ajudei a tomar uma decisão, referendada pelo Presidente Itamar Franco, que foi de mudar, de forma efetiva, a nossa matriz energética e de, ao mudá-la, dar prioridade, para o nosso abastecimento, aos países da América do Sul. Nunca havíamos comprado petróleo da Argentina. Hoje, compramos 1 bilhão de dólares por ano. Isso é fundamental para que possamos levar adiante o Mercosul.

Determinei, agora, que o mesmo se fizesse com a Venezuela, porque isso permite uma integração. Estamos negociando o gás da Argentina, o gás da Bolívia, quiçá o gás do Peru. Estamos discutindo com os chilenos a integração bioceânica. Estamos lançando as bases dessa integração física, que é fundamental para que, na América do Sul, possamos, efetivamente, criar um espaço econômico, não para

que esse espaço econômico se cerre ao mundo, mas para que permita a cada um dos nossos países melhores condições de competição em nível internacional.

Esse é o desafio que estamos enfrentando. Não há diferenças entre o que foi feito no Chile e o que está sendo feito no Chile e o que devemos fazer no Brasil e o que estamos fazendo no Brasil. Haverá números diferentes, resultados diferentes, desafios talvez maiores aqui, menores ali, dependendo da área a que nos estejamos referindo. Mas os desafios estão postos. As reformas são indispensáveis.

Tenho lutado, como os senhores sabem, para que consigamos dar passos nessas reformas: a da Previdência – com as diferenças entre o Brasil e o Chile, porque as há – a Administrativa, a Tributária. Disse o Dr. Carlos Eduardo que essas são as reformas necessárias, porque são necessárias. E me dá pena o fato de que os que se opõem não apresentam nenhuma solução alternativa, a não ser soluções tão utópicas que se desmoralizam pela própria proposta.

É um só caminho que tem a sustentação do povo brasileiro, como tem a sustentação do povo chileno o caminho das reformas no Chile. Nós vamos enfrentar as reformas, Senhor Presidente Frei, com democracia, convencendo, ganhando hoje, perdendo amanhã e voltando a ganhar. É do jogo democrático. Mas o rumo nós não vamos perder. E porque não vamos perder esse rumo, eu posso lhes assegurar, Senhores Empresários do Chile, Senhores Membros da Delegação Parlamentar Chilena, Senhor Presidente, que há todas as condições para que as nossas relações prosperem.

Neste ano, a inflação do Brasil, mantidas as condições atuais – e não há nada para se supor que não possamos mantê-las –, vai ser menor do que a que havíamos imaginado. Vamos ficar entre 12% e 15% ao ano. Quando eu deixei o Ministério da Fazenda, era de 40% ao mês. É uma mudança drástica. Isso, por si, como já foi aqui dito, já produziu um efeito muito importante na distribuição de renda, talvez a maior já havida no Brasil contemporâneo deste século, fortíssima distribuição de renda – mas insuficiente. Para dar mais passos, é preciso aumentar a produtividade, é preciso dar condições de investimento.

Os senhores sabem que estamos enfrentado os problemas com tranqüilidade, mas estamos enfrentando o necessário saneamento das nossas instituições financeiras. E eu pergunto: quem ousou dar passos adiante sem primeiro ter fincado os fundamentos para esses passos e não teve uma decepção? Ou se fincam os fundamentos, ou o progresso é ilusório.

Nós poderíamos, tranqüilamente, estar dizendo que a inflação está sob controle – está –, mas estamos dizendo coisas também diferentes: que, para que ela continue sob controle, temos que continuar a alterar as bases da economia brasileira e das instituições políticas e administrativas que dão sustentação às decisões de desenvolvimento econômico e social do Brasil.

Enfrentamos a crise da Caixa Econômica, que há três anos não publicava balanço porque não podia, para não demonstrar que estava no vermelho. Fizemos publicar os balanços e deu lucro semestre passado.

Estamos enfrentando as dificuldades do Banco do Brasil, acumuladas há décadas pela irresponsabilidade de quem não teve a decisão de enfrentar com franqueza e coragem os desmandos da pressão sobre empréstimos que é impossível conceder porque não serão pagos. Isso nós não faremos. Vamos enfrentar e não temos medo de críticas levianas dos que não conhecem a realidade dos fatos e fazem crer, pela superfície, que o Governo está evitando enfrentar problemas. Pelo contrário, estamos enfrentando. Vamos repor a economia nacional, do ponto de vista financeiro, em condições de poder financiar a produção, porque hoje, digo com sinceridade, ainda não há condições à altura das necessidades do Brasil. Mas nós vamos fazer isso, como o Chile fez. Chegaremos às taxas de juros necessárias para o crescimento econômico.

Não vamos nos contentar com 3%, 4% ao ano; queremos chegar aos 7%, 8% do Chile, mas como o Chile chegou: 7%, 8% que não signifiquem êxito hoje e derrota no ano seguinte; 7%, 8% que têm um horizonte que permite dizer: é um crescimento sustentado. Faremos isso. Dêem-nos tempo e continuem a dar-nos o apoio, que chegar-

mos a obter os resultados necessários para que este país possa continuar no caminho da prosperidade.

Presidente Frei, se falo com esta franqueza diante de Vossa Exceléncia, é porque o considero um irmão meu. Nós, brasileiros, consideramos os chilenos como gente de casa, e estamos dando, aqui, demonstração aberta de fraternidade. Os desafios nossos nós os enfrentaremos. Tenho certeza de que suas palavras calaram fundo aqui: são nossos os desafios, são do Brasil e são do Chile. E tenho certeza, também, de que, juntos, teremos muito mais condições de enfrentá-los do que separados.

Tenho certeza de que, com esses números impressionantes, houve um aumento de cerca de 70%, ano passado, nas relações comerciais entre o Brasil e o Chile; de que o comércio bilateral está avançando; de que estamos já negociando uma associação do Chile com o Mercosul, visando, no futuro, uma integração mais plena do Chile ao Mercosul; de que tudo isso vai induzir a um crescimento das nossas economias de forma complementar.

Nós precisamos de capitais. Estamos nesse esforço de reorganização da infra-estrutura do País, das estradas, dos portos, da energia elétrica, das telecomunicações. Nós precisamos, e muito, de capitais. O Chile tem essa experiência de investimento – como aqui foi mostrado pelo Presidente Frei – nos países da América do Sul.

Então, estamos aqui para convidá-los: juntem-se aos nossos, e vão poder prosperar mais as duas partes. Há condições, tenho certeza, há acolhida para essas condições.

Alegro-me imensamente por saber da visita que foi feita ao Nordeste do Brasil por um grupo de empresários chilenos. Lá foram ver como, através da irrigação – e o Chile tem maior experiência do que nós na matéria – é possível, desde que haja investimento adequado e base tecnológica adequada, transformar num oásis uma região de muita pobreza e dificuldade, que é assolada freqüentemente pelas secas. E isso foi visto lá num setor no qual o Brasil e o Chile têm perfeita complementaridade, que é no setor de produção de frutos. É possível, porque há uma diferença sazonal, e o Chile

tem o *know-how*, tem a competência necessária no mercado internacional, técnicos adequados para a produção agrícola, como nós também os temos, para que juntos possamos prosperar, e prosperar bastante.

Tenho a convicção de que, com os acordos que já temos entre o Brasil e o Chile, será possível avançar, e avançar muito, na direção de uma aproximação crescente entre as nossas economias. Tenho certeza, também, de que essa integração a que o Presidente Frei se referiu, viária, da questão bioceânica, das estradas de ferro, enfim, da infra-estrutura necessária para a sustentação do desenvolvimento econômico, isso progressivamente será alcançado.

Mas para alcançá-la, precisamos daquilo de que hoje temos uma amostra aqui: de uma relação muito estreita entre os interesses da população, do povo, dos seus dirigentes políticos e dos empresários. Aqui há a expressão da relação entre dirigentes políticos e empresários.

Este é um encontro com esse espírito. Aqui podemos dizer que, no Estado de São Paulo, sob o comando do Governador Mário Covas e com a competência do Prefeito Paulo Maluf, que dirige a cidade, nós vivemos hoje um novo momento, um momento de seriedade, que o Governador Mário Covas está imprimindo com determinação, que me dá inveja, de enfrentar as dificuldades que está enfrentando. Mas há aqui os sinais claros de estabilidade política.

Se foi possível avançar nas reformas como avançamos, foi porque, a despeito de tudo, de quaisquer intrigas que possa haver, o Presidente da Câmara, o Presidente do Senado e o Presidente da República puseram os interesses do Brasil acima de quaisquer questões pessoais – que, aliás, não as temos –, porque a base de entendimento político é fundamental para podermos avançar. Foi o que aconteceu no Chile. Houve uma base de entendimento político e há, como aqui no Brasil, conversa muito franca entre o poder político e os empresários.

A função empresarial é insubstituível – e não vou me referir aos muitos que discutiram, discorreram sobre essa matéria. É insubstituível. Mudou hoje, talvez, de características. O ingrediente é de tal natureza, hoje, na decisão empresarial, que é preciso existir uma re-

lação muito estreita entre universidade e empresa, entre os que produzem o saber e os que são capazes de organizar.

E é preciso que a isso complementemos com a nossa sensibilidade para entender que, no mundo moderno, só haverá desenvolvimento estável se houver, como disse o Presidente Frei, a participação também – e diria até que, em certos momentos, decisiva – dos representantes dos trabalhadores, dos sindicatos, daqueles que sabem falar pelo calo que está apertando, ainda que possa, de vez em quando, haver um conflito, seja entre patrão e empregado, seja entre Governo e empresário, seja entre Governo e sindicatos. Não importa. O que importa é que haja diálogo permanente. Essa lição nós colhemos no Chile.

Quero encerrar, portanto, Presidente Frei, senhoras e senhores, dizendo que, quando me referi aqui ao “efeito pisco”, eu pensava efetivamente num conjunto de atitudes cujo cerne é o entendimento democrático de como se transforma uma sociedade. Sem isso, o investimento se estiola, na irritação que produz em certos setores da sociedade. Sem que haja a capacidade de dialogar, de negociar de forma aberta e sempre pensando no interesse público, é impossível, no mundo moderno, haver progresso econômico.

Quando eu disse que gostaria que o Brasil continuasse seguindo esse rumo, é o rumo que foi imprimido ao Chile pelo Presidente Patrício Aylwin Azocar e pelo Presidente Frei, que é o rumo do entendimento, o rumo da percepção clara e da sensibilidade aos problemas dos excluídos, dos mais pobres; da educação e da saúde, que são fundamentais, como o que nessas áreas estamos fazendo com muito esforço no Brasil também. E é, sobretudo, esse sentimento que hoje ultrapassa fronteiras, porque, hoje, queiramos ou não, o Estado nacional, embora fundamental para a organização das decisões, precisa dar-se conta de que é insuficiente para resolver questões como a do meio ambiente, como a do desenvolvimento tecnológico, como a do avanço da integração que se faz, independentemente, muitas vezes, da vontade do Estado em termos das relações diretas entre os produtores; e, também, da integração entre as forças do trabalho.

Porque o Chile percebeu isso e porque o Brasil está percebendo isso, eu tenho a certeza de que deste encontro esta manhã e de outros encontros que o Presidente Frei está realizando vai resultar o reforço desta irmandade – irmandade que, para alguns de nós, é uma irmandade quase de nascimento, pois assim nos sentimos com respeito ao Chile, mas para todos nós é, seguramente, uma irmandade de espírito, uma irmandade de alma, uma vontade de estarmos juntos para melhorar nossos povos e nossos países.

Muito obrigado.